

Elvira Vigna. *Por escrito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 312 p.

Elvira Vigna é uma das nossas escritoras de carreira mais consolidada. É pessoal sem ser confessional, com uma voz de mulher que recusa feminilidades, certa constância na temática e, o mais importante, dicção própria.

No romance *Por escrito*, no entanto, mantendo o que já conquistou com sua escrita, corre um risco: mais do que o que é narrado, importa aqui o ato mesmo de escrever. A questão é como fica a vida quando ela é escrita, anotada, reescrita, revelando-se não como fala ou relato, mas como um texto deixado na tela do computador, o eu por escrito.

Nessa escrita, afloram a mulher, seu amante ou companheiro, a ex-mulher dele, o irmão, a mãe e a morte de uma personagem secundária, uma dançarina russa, morta talvez mesmo por ter sido sempre uma personagem secundária.

A personagem narradora vive de colocar em fichas o movimento e os negociantes de uma empresa de agrobusiness. Trata-se de gente enjoada, pedante, ignorante, mulheres enfeitadas e homens obviamente grosseiros em seus ternos italianos: um trabalho que já acabou.

Há um homem gentil, disposto a ajudar e ser companheiro, talvez para se redimir dos tempos em que foi um amante casado. Sem maiores encantos, mas bom de cama e o erótico, o sensual, como sempre na obra de Elvira Vigna, importa bastante.

Junto dela, estão o irmão gay, amigo e meio filho e a mãe que veio do interior, afastada do patrão que a engravidara. É uma mulher batalhadora, mas de quem a protagonista não consegue ficar muito perto. Um suicídio ou assassinato ou acidente, mesmo no centro dos movimentos narrativos, não faz muita diferença porque a morte, como a vida da dançarina russa, importa pouco.

Não há nenhum drama e nenhum afeto. Nenhum entusiasmo, nenhuma escolha intencional. Quase um “prefiro não”, no modelo de Bartleby, o escrivão, na personagem que “prefere ficar mais à margem, mais do lado. Em algum entre. Como sempre”. Não dá nem quer receber nada dos que a cercam. A inevitável realidade da vida com seus detalhes banais, isso é que precisa ficar por escrito.

O não pertencimento total parece impossível, mas deve ser buscado. A casa pode ser um hotel qualquer, a mochila guarda tudo e o destino pode ser alterado no meio do caminho, dar a volta na rua ou mudar de cidade. Coisa alguma faz muita diferença para quem olha o nada.

É essa trajetória de idas e vindas, sem partidas ou voltas que importem muito que o romance precisa contar e aí está o desafio que se propõe a enfrentar. Se acompanhar a frieza, a secura extrema dessa mulher pode chegar a irritar o leitor, que não encontrará na leitura nenhum alento, nenhum recurso de sedução, seguir, porém, o caminho da escrita que a leva de uma cidade a outra, de uma cama a outra, dos movimentos de idas e vindas de que vai tomando notas, num papelzinho ou em notas mentais, é participar de uma experiência original.

Porque a vivência desse mundo real desprezível, mas não odiável, está sendo colocada por escrito, a temporalidade varia, passado e presente se confundem como os tempos verbais usados na narrativa. “E não sei mais se falo daquele dia ou deste, este. Mas volto, me forço: aquele”. Com o espaço, a relação não é mais definida, a mulher pode estar em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Brasília, numa fazenda de café do interior. Cada cidade, porém, tem uma personalidade própria e requer uma linguagem diferente.

São Paulo traz a idéia de fim, mas para lá e para o mesmo homem ela sempre volta. Paris e o Quai Branly colonialista é uma festa estranha; o interior evoca nomes de passarinho em listagem ao modo de Guimarães Rosa, diminutivos e regionalismos; no Rio de Janeiro uma revelação quase trágica contrasta com o dia lindíssimo numa Copacabana que não dorme. E de novo São Paulo: “Mais um pouco e a cidade goza, espirrando gente, barulhos e gases tóxicos para tudo quanto é lado”.

A narradora passa os verbos para o pretérito, volta usar o presente, são lembranças do passado ou existem agora: “Não sei quando foi”.

O romance e sua escrita vão assim se construindo num processo que se expõe. Cabe ao leitor acompanhá-lo, não sem algum esforço, o que afinal é bom.

Beatriz Resende

Universidade Federal do Rio de Janeiro